

SERTÃO, MÉTODO:
EUCLIDES DA CUNHA
E A CULTURA BRASILEIRA*Ricardo Luiz de Souza**

Podemos tomar três perguntas como pontos de partida: o que é o sertão, quem é o sertanejo para Euclides da Cunha, e o que Canudos representou para o autor?

Não há uma resposta precisa para a primeira questão. O sertão surgiu em contraposição ao litoral e define o ermo, o não civilizado. O litoral, segundo Florestan Fernandes, “designa mais um certo tipo de formação social e cultural do que a orla marítima com a porção de terra a ela associada” (Fernandes, 1979:123). É uma expressão, portanto, utilizada tanto no sentido cultural quanto no geográfico.

E também o sertão é vago. Ao defini-lo, Câmara Cascudo realça, precisamente, seu caráter indefinido, impreciso, relacionando-o ao ciclo do gado e salientando sua fixação maior no Norte e Nordeste. Sertão, para Cascudo, “é interior... As tentativas para caracterizá-lo são mais convencionais que reais” (Cascudo, 1984:710).

A expressão já era conhecida no período colonial, tanto que em 22 de julho de 1776 é publicada uma Carta Régia “ordenando vivesses em

* Mestre em sociologia e doutorando em história pela UFMG. Professor da FEMM e FACISA. Rua Madressilva, 781/04. B. Esplanada. Belo Horizonte - MG. CEP 30280-180. e-mail: riclsouza@uol.com.br

povoados os vadios e criminosos que andavam errantes nos sertões repartindo-se entre eles as terras adjacentes" (Documentos interessantes, Vol. LIV, 1932:129). O sertão já surge, então, como o território a ser civilizado, onde predomina a violência a ser domada.

A dicotomia estabelecida neste período estende-se além dele. Assim, Mattos estabelece uma distinção vigente no Império entre litoral e sertão, na qual o primeiro é associado à civilização e às regiões de agricultura mercantil-escravista, e o segundo relaciona-se à barbárie e às demais regiões (Mattos, 1994:33). E o sertão como o território da violência foi a imagem que prevaleceu. É a perspectiva a partir da qual Guimarães Rosa o analisa, segundo Starling, que salienta:

visto por essa perspectiva, o Sertão é a materialização da vida política quando fundamentada por uma simbologia de força que introduz nas relações entre os homens a necessidade do uso de instrumentos que servem para dominar ou matar (Starling, 2002:64).

O que é o sertanejo? Foi, na perspectiva euclideana, um ser que se adaptou a seu meio e foi moldado por ele ou, segundo Rezende, capaz de adaptar-se aos meios mais hostis, o sertanejo moldava sua mentalidade a partir de características naturais do meio no qual vivia, e tornava-se hostil a mudanças. Mais permeável, menos rijo, o habitante do sul e dos centros urbanos precisava atuar sobre o meio e promover mudanças indispensáveis à sua sobrevivência (Rezende, 2001:210). Esta, de acordo com a autora, é a perspectiva a partir da qual Euclides explica a sobrevivência e a especificidade do sertanejo.

De fato, para Euclides, "o homem dos sertões - pelo que esboçamos - mais do que qualquer outro está em função da terra" (Cunha, 1984:81). É em relação ao sertanejo, principalmente, que a influência do meio torna-se mais nítida.

Tais dicotomias têm, contudo, uma origem comum por ser o sertanejo descendente de bandeirantes, ou seja, de gente do sul, em um processo assim descrito pelo autor:

os homens do Sul irradiam pelo país inteiro. Abordam as raias extremas do Equador... Fora do litoral, em que se refletia a decadência da metrópole e todos os vícios de uma nacionalidade em decomposição insanável, aqueles sertanistas, avantajando-se às terras extremas de Pernambuco ao Amazonas, semelhavam uma outra raça, no arrojo temerário e resistência aos reveses (Cunha, 1984:62).

Do bandeirante nasce o sertanejo: é o descendente daquele que permanece insulado no interior e guarda suas características e, aqui, os conceitos de atraso e modernidade presentes em toda a obra de Euclides embaralham-se, com o litoral representando a decadência perante virtudes primordiais que permanecem intactas no sertão. Euclides retoma a mitologia bandeirante. Para ele, "o bandeirante foi brutal, inexorável, mas lógico. Foi o super-homem do deserto" (Cunha, 1975b:71).

Temos, aqui, a retomada de uma temática tradicional, já que o tema do encontro entre diferentes culturas tem presença secular na cultura brasileira. Antônio Cândido localiza-o já no Uruguai, de Basílio da Gama, no qual é descrito o encontro entre as culturas portuguesa e ameríndia. A partir daí, ele inspiraria o romantismo e chegaria até Euclides, desdobrando-se em novo encontro, agora entre as culturas urbana e rústica (Cândido, 1968:99).

Segundo Lima,

para Euclides, era inquestionável o caráter negativo dos cruzamentos; o mestiço traz diminuída a capacidade intelectual do ascendente superior e restrita a capacidade física do ascendente inferior. É de posse deste axioma que ele se proporá entender a guerra que há cinco anos testemunhara (Lima, 1997:39).

Euclides define, contudo, o sertanejo como um mestiço, mas não como um degenerado. É um mestiço no qual a contribuição indígena sobrepõe-se à negra, já que "o elemento africano de algum modo estacou nos vastos canaviais da costa, agrilhoado à terra e determinando cruzamentos de todo diverso do que se fazia no recesso das capitânias" (Cunha, 1984:66) e, na hierarquia racial proposta pelo autor, o índio é superior ao negro.

Sílvio Romero já acentuara o caráter fundamental da miscigenação na formação nacional. Para ele, o brasileiro é mestiço, originando-se do português, do africano, do indígena, ou seja, "o genuíno nacional é o descendente destas origens" (Romero, 1977:33): a miscigenação define e constitui, portanto, o brasileiro.

A miscigenação adquire, igualmente, importância fundamental na explicação do Brasil elaborada por Euclides mas, em sua obra, assistimos como que uma volta a um certo indianismo expressamente negada por Romero. Enquanto este ignora praticamente o índio como agente da nacionalidade, Euclides vê no sertanejo o fruto da união entre o branco e o índio, relegando o filho do branco e do negro à condição de mulato neurastênico do litoral.

O sertanejo não é um degenerado, e sim um retrógrado, e é esta condição oriunda do insulamento histórico e geográfico que lhe permitiu manter as características positivas derivadas de sua própria condição de mestiço. Trabalhando desta forma com um conceito eminentemente negativo a partir das teorias por ele aceitas, e a partir de pressupostos semelhantes aos de Nina Rodrigues, por exemplo (Santana, 1995:57-68), Euclides inverte os sinais e transforma o que seria desvantagem em força.

Caberia finalmente ao processo civilizador eliminar o caráter retrógrado do mestiço brasileiro. Neste sentido, há em Euclides (aliás como em Sarmiento) o que se convencionou chamar de dupla intenção: atacar a barbárie existente no interior de seus países e afirmar a necessidade de sua superação, e homenagear, no plano estético, a paisagem ali existente (Bernucci, 1995:40).

Menciono Sarmiento porque tanto nas contradições que permeiam sua obra quanto no fascínio pelos símbolos da barbárie - Facundo e os gaúchos de um lado, Antônio Conselheiro e os sertanejos do outro - tornam-se evidentes as analogias entre os pensamentos de Sarmiento e Euclides da Cunha, analogias estas que já foram, aliás, ressaltadas por mais de um autor. Rama, por exemplo, mesmo assinalando a convergência de pensamento entre Sarmiento e Euclides, resalta que o segundo passou a duvidar de suas premissas civilizadoras ao presenciar o massacre de Canudos, concluindo: "o reverso da modernização capitaneada pelas cidades se havia mostrado nua e não era agradável" (Rama, 1985:37).

E, assim como Euclides, Sarmiento, o apologista da modernidade, é um romântico, tanto na descrição ao mesmo tempo crítica e apaixonada da barbárie quanto no caráter inspiracional de suas obras, e tal caráter é comprovado pelo fato de seu nascimento e morte serem marcos a balizarem todo o movimento romântico hispano-americano (Martini, 2001:861). E ainda, se Facundo tem a intenção de denunciar as arbitrariedades caudilhescas, nele temos, também, como que uma evocação romântica da força telúrica do gaúcho (Hale, 1996:136). Ao julgar e condenar Facundo, é a própria Argentina que Sarmiento está colocando em julgamento, já que em sua vida “se revela la índole secreta de la Argentina bárbara” (Donghi, 1952:xvii).

A aniquilação das raças consideradas inferiores surge, mesmo, como condição para que a civilização seja implantada. Segundo ele:

todas as colonizações, que nestes três últimos séculos fizeram as nações européias levarem de roldão os selvagens que povoavam a terra que vinham a ocupar... De modo muito diferente procedeu a colonização espanhola no resto da América. Sem ser mais humana que a do Norte, por aproveitar-se do trabalho das raças indígenas escravizadas, talvez por encontrá-las mais dóceis também, incorporou em seu seio os selvagens; deixando para os tempos futuros uma progênie bastarda, rebelde à cultura, e sem aquelas tradições de ciência, arte e indústria, que fazem com que os deportados à Nova Holanda reproduzam a riqueza, a liberdade e a indústria inglesa num pequeno número de anos (Sarmiento, 1983:49).

E é neste sentido que Euclides fala em compensar o “duro esmagamento das raças incompetentes com a redenção maravilhosa dos territórios” (Cunha, 1975b:73). Mas ao contrário de dedicar-se a este projeto de redenção, as elites preferem ignorar a existência deste território e de seus habitantes.

E mesmo as tragédias que assolam este Brasil real pouco ou nada comovem a Rua do Ouvidor: razão pela qual, segundo Euclides, as secas nordestinas, por exemplo, permanecem esquecidas e sem solução. Para ele, “há uma estética para as grandes desgraças coletivas... Mas

entre nós estes transe tão profundamente dramáticos não deixam traços duradouros. Aparecem, devastam e torturam; extinguem-se e ficam deslembados" (Cunha, 1975b:62).

E ele não esconde, ainda, sua admiração pelo sertanejo, explicitada em um texto revelador, quando descreve a recepção aos sertanejos enfim derrotados na campanha de Canudos: "sobre tudo isto um pensamento diverso, não boquejado sequer mas por igual dominador, latente em todos os espíritos: a admiração pela ousadia dos sertanejos incultos, homens da mesma raça, de encontro aos quais se despedaçavam daquele modo batalhões inteiros" (Cunha, 1984:324). E por que revelador? Porque tal admiração não é boquejada, não pode ser dita porque contradiria os objetivos da expedição aos olhos de todos, inclusive de Euclides. É como se todos, ali, compartilhassem o mesmo sentimento, mas, dentre eles, apenas Euclides escrevesse um livro para exprimi-lo.

E ainda, ao presenciar os momentos finais de Canudos, ele escreve em sua caderneta de campo: "têm a mais sólida, a mais robusta têmpera essa gente indomável...Que disciplina extraordinária a daquela gente" (Cunha, 1975c:63.6). Ao mesmo tempo, ao analisar o comportamento religioso deste sertanejo que ele tanto elogia, Euclides ressalta a superstição e o primitivismo que o fundamenta, onde o ideal cristão inculcado pelos missionários teria sido apenas justaposto ao que ele chama de "velhos vícios da raça" (Cunha, 1975a:148).

Mas tal admiração é contraditória, uma vez que o sertanejo é simbolizado, expresso em suas tendências inatas, tanto pelo Conselheiro quanto por uma figura como Pajeú. Se o Conselheiro retrata as tendências místicas do sertanejo, Pajeú, com sua "bravura inexcedível e ferocidade rara" simboliza sua força. Euclides atribui o heroísmo e sagacidade do sertanejo ao seu isolamento e ao primitivismo da raça: sua força deriva de seus defeitos. E a descrição de Pajeú é a descrição desta relação e a explicação desta força:

legítimo cafuz, no seu temperamento impulsivo acolchetavam-se todas as tendências das raças inferiores que o formavam. Era o tipo completo do lutador - ingênuo, feroz e destemeroso - simples e mau, brutal e infantil, valente por instinto, herói sem o saber - um belo caso

de retroatividade atávica, forma retardatária de troglodita sanhudo aprumando-se ali com o mesmo arrojo com que, nas velhas idades, vibrava o machado de sílex à porta das cavernas... (Cunha, 1984:192).

Também os nordestinos que migram para o Acre são heróis anônimos, “cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas deste tempo. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhe, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável” (Cunha, 1975b:52).

São, na perspectiva euclideana, novos Pajeús, igualmente heróicos, igualmente simples, igualmente abandonados.

A partir daí, ainda, Euclides retoma e define o tema étnico de *Os sertões*, quando afirma:

Por outro lado, aqueles titânicos caboclos, que a desventura expulsa dos lares modestíssimos, têm levado a todos os recantos desta terra o heroísmo de uma atividade incomparável: povoaram a Amazônia; e do Paraguai ao Acre estadearam triunfalmente a sua robustez e a sua esplêndida coragem de rija sub-raça já constituída (Cunha, 1975a:65).

Já o Conselheiro significou, para ele, a antítese da ordem que a República buscava implantar no país e que ele próprio buscou criar em sua vida. Como acentua Ventura:

Euclides projetou sobre o Conselheiro muitas de suas obsessões pessoais, como o temor da irracionalidade, da sexualidade, do caos e da anarquia, para construir um personagem trágico, guiado por forças obscuras e ancestrais e por maldições hereditárias, que o levaram à insanidade e ao conflito com a ordem (Ventura, 1997:89).

O retrato que Euclides traça do Conselheiro pode ser comparado à descrição feita por ele do alquimista medieval, em artigo publicado em O Estado de São Paulo, em 1897. Estes eram místicos que viam a realidade através de concepções nebulosas, e buscavam explicação para

tudo em fenômenos sobrenaturais; eram bárbaros travestidos de cientistas que, ao fim e ao cabo, foram superados pela própria ciência, assim como o Conselheiro foi um bárbaro travestido de líder religioso a ser superado - ele e seu misticismo selvagem - pela modernidade. E, assim como Canudos e seu líder representam uma idade a ser superada, Euclides afirma em relação aos alquimistas: "ora todo esse mundo desabou ante o aparecimento revolucionário e triunfal dos enciclopedistas e com eles caíram os extravagantes filósofos herméticos que tão bem completam a feição lendária de uma idade sonhadora e romanesca" (Cunha, 1995: vol. II.577).

Sevcenko refere-se a esta mistura contraditória de elogios e visão crítica ao mencionar a função das populações do interior na obra de Euclides, e busca explicá-la: "descontadas as superstições, o autor via nelas um modelo para um perfeito consórcio entre o homem e a terra no Brasil, que o livrasse das falácias do cosmopolitismo" (Sevcenko, 1983:145). Ao mesmo tempo, estas populações devem ser incorporadas à modernidade, e cabe às elites executar esta tarefa.

O sertanejo não é apenas o habitante de Canudos. Ele adquire, na obra de Euclides, um sentido mais amplo e pode reaparecer, como vimos, como o seringueiro perdido na Amazônia: outro personagem central no imaginário euclideano. Trocando o sertão pela floresta, viajando para a Amazônia e acalentando o frustrado projeto de resgatar os seringueiros perdidos e esquecidos na mata - irmãos do sertanejo de Canudos - Euclides escreve o que poderíamos chamar, retomando a expressão que Otto Maria Carpeaux utiliza para definir a obra de Isaac Babel, uma "epopéia estilizada" (Carpeaux, s.d.:106).

Nos inúmeros textos referentes à Amazônia vemos - como sempre na obra do autor - a ciência equilibrar-se ao lado da literatura, em torno de relatórios, descrições pungentes da vida do seringueiro, e um projeto onde a técnica do engenheiro e a utopia caminham juntas: a criação de uma ferrovia "transacreana". Mencionando tal projeto, Hardman situa, ainda, a importância da Amazônia na obra de Euclides: funcionaria como uma espécie de metáfora do Brasil, estruturada entre a conquista predatória e o rápido esgotamento de um ciclo histórico que deixa ruínas, mas não chega a construir uma civilização (Hardman, 1996:296).

A conquista da Amazônia é um tema que se entrelaça em sua obra com a questão racial. Ao definir o português como “o fator aristocrático de nossa gens” (Cunha, 1984:49), Euclides já hierarquiza as raças. Mas busca ressaltar, por outro lado, a importância da miscigenação na formação nacional. É a partir da conclusão deste processo que teremos o brasileiro como realidade concreta; como um ser existente. Até então, Euclides limita-se a defini-lo, um tanto desoladamente, como “tipo abstrato que se procura” (Cunha, 1984:50), e a concluir: “não há um tipo antropológico brasileiro” (Cunha, 1984:63). Ocorre, em síntese, com o brasileiro, o mesmo que ocorre com o peruano, em relação ao qual Euclides afirma: “ninguém lhe lobrigou ainda um aspecto estável, um caráter predominante, um traço nacional incisivo” (Cunha, 1975a:94).

Mas a construção deste caráter é condição de sobrevivência para qualquer nação que queira resistir ao influxo das nações superiores. Para Euclides, “falta-nos integridade étnica que nos aparelhe de resistência diante dos caracteres de outros povos” (Cunha, 1975a:136). E esta é uma questão crucial, já que raças incompetentes, ou seja, incapazes de criarem uma nacionalidade tendem fatalmente a desaparecer em um processo nitidamente evolucionista, o que leva Euclides a acentuar: “é o darwinismo rudemente aplicado à vida das nações” (Cunha, 1975a:115). A preocupação de Euclides, assim, é garantir a criação de uma identidade nacional ainda inexistente.

E mais que isto, em regiões como a Amazônia, por exemplo, a miscigenação é, para o branco, condição de sobrevivência. Que seria deste sem ela?

O tipo deperece num esvaecimento contínuo, que se lhe transmite à descendência até a extinção total... A raça inferior, o selvagem bronco, domina-o; aliado ao meio vence-o, esmaga-o, anula-o na concorrência formidável ao impaludismo, ao hepatismo, às pirexias esgotantes, às canículas abrasadoras, e aos alagadiços maleitosos (Cunha, 1984:59).

A hierarquia racial inicialmente proposta inverte-se, então, sob a influência do meio, e a raça inicialmente definida como superior passa a depender da miscigenação para sobreviver no meio hostil. Seguindo

as teorias raciais desposadas por Euclides, ela necessita da absorção das qualidades inatas às raças inferiores para sobreviver, mas aí é o próprio instrumental teórico euclideano que termina sendo posto em parênteses por ele, sem que ele o reconheça explicitamente: quem, afinal, é inferior perante o meio? Em *Os sertões*, Euclides busca sustentar suas teorias e afirma as conseqüências negativas do processo de miscigenação. Para ele, "a mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial... A mestiçagem extremada é um retrocesso" (Cunha, 1984:77). Mas em *Canudos* como na Amazônia ela é, igualmente, garantia de sobrevivência.

Se é indispensável, contudo, a miscigenação gera desequilíbrios: gerou o Conselheiro, síntese individual das tendências irrefreadas das raças inferiores, produto do primitivismo social atávico do meio. Raça e meio: os pólos a partir dos quais a análise euclideana permanentemente estrutura-se, inclusive para explicar o Conselheiro, um ser exemplar a partir de seu aparecimento: "apareceu como integração de caracteres diferenciais - vagos, indecisos, mal percebidos quando dispersos na multidão, mas enérgicos e definidos, quando resumidos na individualidade" (Cunha, 1984:102).

O Conselheiro surge, para Euclides, como o protótipo da raça, como a condensação de seu atraso, e daí a razão de seu sucesso: "arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele" (Cunha, 1984:119). E por sintetizar as características de seus liderados, estes puderam projetar-se sobre ele, e o sertanejo pôde esculpi-lo à sua imagem e semelhança: "remodelava-o à sua imagem. Criava-o. Ampliava-lhe, desmesuradamente, a vida, lançando-lhe entre os erros de dois mil anos" (Cunha, 1984:110).

E não apenas o Conselheiro, mas o próprio arraial por ele fundado retratava a raça que nele vivia: suas origens não eram apenas sócio-econômicas mas também, e principalmente, raciais: nele refletia-se "mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça" (Cunha, 1984:123). E, finalmente, se o Conselheiro sintetiza o sertanejo contemporâneo, ele - aliás como o próprio sertanejo - situa-se como que além dos tempos: "o retrógrado do sertão reproduz o facies dos místicos do passado. Considerando-o, sente-se o efeito maravilhoso de uma perspectiva através dos séculos..." (Cunha, 1984:114).

Qual foi a perspectiva inicial a partir da qual Euclides abordou Canudos? O arraial, inicialmente, é o inimigo a ser vencido e, pouco antes de chegar a Canudos, ele proclama: "em breve pisaremos o solo aonde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam" (Cunha, 1975c:4). Quando Canudos é vencido, contudo, Euclides acentua o modo notável com o qual os prisioneiros reagem e elogia a "disciplina extraordinária daquela gente" (Cunha, 1975c:63.6).

Para compreendermos, ainda, como Euclides busca compreender Canudos é importante salientarmos a importância do folclore em Os sertões. Brandão menciona a importância dos estudos folclóricos na obra de Euclides, embora esta seja uma expressão que ele praticamente não utiliza. Mas a preocupação em recolher hábitos, ritos e expressões sertanejas atravessa todo Os sertões e está presente, também, em seus estudos sobre a Amazônia. Ele poderia ser incluído no rol dos folcloristas, mas nunca o foi, assim como nunca foi incluído em rol algum, com críticos literários, sociólogos e historiadores estudando-o e ressaltando-lhe a importância, como lembra Brandão, mas sem nunca aceitá-lo como colega de ofício (Brandão, 1960:139-147).

E Os sertões é também obra de folclorista, de autor preocupado não apenas em recolher hábitos e expressões populares, mas em utilizá-los para melhor compreender a sociedade que os gerou. Ao fazer este trabalho de recolha, Euclides não está agindo por mera curiosidade, nem se colocando como antiquário de um tempo morto. É o estudioso de Canudos que busca uma nova via para compreendê-lo e - seguindo uma trilha aberta por Sílvio Romero - pavimentá-la para Câmara Cascudo, entre outros. Ao mesmo tempo, Euclides busca recuperar e preservar, em sua obra, hábitos e expressões que serão superados pelo processo de modernização que ele mesmo defende: hábitos e expressões que são, ao mesmo tempo, contemporâneas e situadas em um tempo morto.

Euclides não ressalta, por outro lado, em Os sertões a dinâmica sócio-econômica que gerara Canudos e dera ao arraial suas características específicas, e os determinismos ligados ao meio e a raça terminam por prevalecer sobre os fatores sociais. Como acentua Garcia, "fixando-se na influência do meio e nas qualidades negativas do sertanejo, ou

seja, do mestiço, o autor vê a sua organização sócio-política como um reflexo de desajustes étnico-geográficos do sertão" (Garcia, 2002:34). (

Euclides introduz o meio como fator determinante na formação nacional, não se atendo prioritariamente à questão racial, como o fariam Nina Rodrigues e Sílvio Romero, nem ao desenvolvimento histórico como o fez Capistrano de Abreu; buscou, antes, amalgamar os três fatores sem privilegiar, especificamente, nenhum deles, criando, assim, uma tentativa de explicação pluricausal que terminou por fazer com que sua obra adquirisse um caráter sintético no contexto cultural brasileiro.

Ao mesmo tempo, o método euclideano opera a partir de dualidades interpretadas como cisões que configuram a realidade brasileira. Referindo-se ao autor, Morse descreve-as:

ele via um país dilacerado por cisões geográficas entre litoral e interior e entre norte e sul, cisões climáticas entre seca e fertilidade, cisões temporais entre o tempo geológico e várias camadas do tempo histórico, e cisões psíquicas produzidas pela mistura de raças e exemplificadas na esquizofrenia aguda dos principais atores de Canudos (Morse, 1995:101).

As cisões mencionadas por Morse determinam assim, o método euclideano, bem como seu espaço na cultura brasileira: tais cisões estariam no âmago de indagações futuras.

Há ainda, em *Os sertões*, duas linhas teóricas: uma, determinista, já mencionada, e outra, referida por Galvão, acomodando-se com dificuldade ao lado da primeira: "a segunda linha vem da visão dos heróis, segundo Carlyle, justificados por este autor enquanto encarnações do espírito divino que levam a história avante: o que se acomoda mal com o ideário positivista, anticlerical e até anti-religioso de Euclides" (Galvão, 1984:36).

E o que foi Canudos? Na perspectiva euclideana, uma síntese. Canudos, em mais de um aspecto, sintetizaria o sertão. No aspecto fisiográfico, por exemplo: "o sertão de Canudos é um índice sumariando a fisiografia dos sertões do Norte. Resume-os, enfeixa os seus aspectos predominantes numa escala reduzida. É-lhes de algum modo uma zona

central comum" (Cunha, 1984:26). Mais que isto, porém: Canudos seria, como acentua Costa Lima, um laboratório a partir do qual a ciência buscaria decifrar o país (Lima, 1997:122). E Euclides tem, perante a ciência, a postura de um "inflexível crente" (Lima, 1997:187). Cabe-ria a ela agir no sentido de resolver as contradições que estruturam Canudos e tornam tão conflituosas a relação do arraial com o resto do país. Mas há algo mais: Euclides confia nela para resolver suas próprias contradições enquanto pensador, embora tais contradições nasçam, em boa parte, das dificuldades enfrentadas ao tentar encaixar a realidade representada por Canudos em esquemas científicos que ele não coloca em questão

Como Canudos se posiciona para compreender Canudos? Seu ofício é reconhecido, por ele mesmo, como o de um historiador, a ponto de mencionar a "poeira dos arquivos" da qual muitos falam sem nunca a terem visto, mas que ele levanta diariamente (Cunha, 1995: vol. II.549), na busca de uma perspectiva histórica que ele considera fundamental para a adequada compreensão da realidade. Para Euclides, "a nossa visão interior alongando-se no tempo, como a destacar-se no espaço, é sempre falsa quando se atém só no que divisa, e não atende aos erros oriundos menos do objeto observado que da nossa posição e do meio que nos circula" (Cunha, 1995: vol. I. 465). Ora, é exatamente na perspectiva histórica que torna-se impossível compreender Canudos, por ser o arraial um anacronismo: está fora da história, veio de um tempo remoto e cristalizou-se na história contemporânea, mas exatamente por não ter passado não terá futuro: será soterrado pela história da qual não faz parte.

Em carta de 1903, Euclides define um de seus mestres: "sou um discípulo de Gumpłowicz, aparadas todas as arestas daquele ferocíssimo gênio saxônico" (Cunha, 1997:151). E a influência deste autor ajuda a explicar como Euclides se aproxima de Canudos. A história, para Gumpłowicz é uma sucessão evolutiva de conquistas e subordinações, e as raças inferiores tendem a formar comunidades subordinadas (Gumpłowicz, 1944:189). Euclides jamais abandonou tais idéias, já que a carta mencionada é posterior ao lançamento de *Os sertões*, mas o que, para Gumpłowicz seria um episódio perfeitamente coerente com o de-

senrolar natural do processo histórico, para Euclides é um crime a ser denunciado.

Mas o método euclideano faz parte, também, de um processo cultural no qual Euclides tem antecessores: ele herda de Sílvio Romero, por exemplo, a utilização do meio e da raça como fatores determinantes da realidade social.

Desta forma, um fator como o clima tem e teve um papel fundamental no processo evolutivo tal como concebido por Euclides: “ele policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte” (Cunha, 1975b:62). O clima é, para o autor, um fator de seleção natural, um promotor do darwinismo social.

E se em relação a Romero estabelece-se uma continuidade, em relação a um autor como Joaquim Nabuco cria-se um contraste. Assim, comparando Nabuco e Euclides, Mello salienta e despreocupação teórica de um livro como *O abolicionismo*, mais preocupado com o estudo concreto de formas de organização econômica e social, e salienta ter sido este um fator para que o texto não tenha envelhecido. Compara-o com *Os sertões*, então, afirmando: “de *Os Sertões* também se poderia dizer que sua concepção estava tão jungida às teorias sociológicas predominantes na Europa em finais do século XIX que envelheceu com elas” (Mello, 2002:250).

O envelhecimento metodológico do livro e da obra de Euclides como um todo é, de resto, inegável, mas é inegável, também, o fato de tal obra significar uma ruptura, e tal ruptura é definida por Antônio Cândido, segundo a análise que Jackson faz da obra deste autor, como a superação do evolucionismo, embora Euclides herde, de Romero, o determinismo racial e geográfico (Jackson, 2002:67).

Mas a obra do autor segue, ainda, as pegadas do evolucionismo: a ruptura não é necessariamente esta. O que a tornou revolucionária foi a preocupação euclideana em construir uma perspectiva que atenha-se fielmente aos parâmetros que Euclides considera como sendo os da ciência, evitando, contudo, que sua obra transforme-se em um mero exercício teórico, mas que, pelo contrário, parta de dados coligidos junto ao estudo empírico da realidade. Neste sentido, *Os sertões* é fruto de um

trabalho de campo, o primeiro e talvez o maior já efetuado no contexto das Ciências Sociais brasileiras. E, por outro lado, ele significa, também o esgotamento de um modelo, já que o determinismo e evolucionismo presentes na obra do autor já tendiam ao anacronismo após terem encontrado em Euclides e em Romero seus representantes máximos

O espaço ocupa lugar central na obra de Euclides, e daí seu interesse por ciências como a geografia e a geologia, mas o espaço, em Canudos ou na selva, surge como um espaço sem história, suspenso no tempo, onde o habitante permanece "suspenso num tempo sem tempo, num lugar marginal que é apenas uma beira, uma orla, uma borda sem dentro" (Finazzi-Agró, 1999:12).

Como entender tal realidade no contexto da ciência? O iluminismo euclideano, sua fé nas virtudes transformadoras - redentoras? - da ciência vacila, às vezes, em contato com uma realidade demasiadamente áspera, mas ele supera tais vacilações e segue adiante, como um crente temeroso de ver abalada sua fé. E incorpora a mística do engenheiro - o construtor de pontes para o futuro - ao mesmo tempo em que revela, para os íntimos, seu cansaço com a profissão.

Ao afirmar a prioridade da ciência como instrumento de conhecimento social, Euclides não se limita às ciências sociais, mas invoca, também, as ciências naturais e a geologia (seu vocabulário é repleto de imagens geológicas). Sua fé na ciência refere-se, assim, tanto às ciências exatas e naturais quanto à sociologia e à história, todas estas disciplinas com papel relevante a cumprir na estrutura narrativa de Os sertões.

A crença de Euclides na ciência coincide com sua crença na República. Esta seria o regime no qual os ideais científicos iriam, enfim, prevalecer. E este foi, para Euclides, o regime no qual tais ideais foram abandonados e pervertidos. A promessa republicana é expressa em 1892, quando ele afirma: "todo um século de inatividade será compensado em alguns anos de lutas civilizadoras - e um grande futuro será afinal a absolução para um passado estéril" (Cunha, 1995:vol. I. 655)

Neste processo de renovação, caberia ao Estado papel primordial, cabendo a ele estabelecer o que Euclides chama de "primeiros elementos do progresso". Caberia a ele romper a inércia e passividade proveni-

entes do Império, aproximando a sociedade brasileira “do maravilhoso espetáculo da evolução humana” da qual o país esteve aliado por longo tempo. Para tanto, caberia ao Estado agir como instrumento da modernidade, e não como mero mantenedor da ordem.

A perspectiva político-econômica euclideana contesta o liberalismo não-intervencionista e defende que o Estado assuma um papel ativo na sociedade e na economia brasileiras. Esta seria a única alternativa capaz de acelerar o processo de industrialização, e industrialismo e modernidade, para Euclides, são sinônimos. Em suas palavras, “o futuro, e isto é uma verdade já velha, pertence ao industrialismo” (Cunha, 1995:vol. I. 668). Escritas em 1892, estas idéias jamais seriam renegadas pelo autor. Mas a desilusão com a República, contudo, principalmente após Canudos, passa a predominar paulatinamente em sua obra, e pode ser perseguida e sintetizada a partir de três cartas escritas em diferentes épocas. Em 1892, ele afirma:

a verdade é que o estado atual do nosso país se define de um modo tão perigoso, em função da corrupção política, tão perigoso que o desmembramento, por exemplo, o que era dantes considerado um crime e uma coisa horrorosa para os verdadeiros patriotas, o próprio desmembramento que era um mal, é a melhor coisa que pode decorrer da situação atual - e alteia-se ante o espírito dos que ainda dedicam um pouco de amor a isto, belíssimo quase, como a visão de Fausto (Cunha, 1997:42).

Três anos depois, novos temores: “às vezes creio que a nossa República atravessa os piores dias. Esta reação monárquica tem afinal aliança das nossas desgraças políticas e tremo às vezes, imaginando um sucesso que por isso mesmo é um absurdo pode-se realizar na nossa terra” (Cunha, 1997:68). E 15 anos depois da primeira carta, escrevendo do Rio de Janeiro, Euclides retoma o tema da corrupção: “aqui, há grande corrupção no ar e nos homens; não há pulmões nem almas que não sofram” (Cunha, 1997:339).

Por diversos motivos – raciais, políticos, geográficos – nascemos distintos e dispersos, e – parece concluir Euclides – distintos e dispersos

continuamos. Nossa unidade, então, é inteiramente artificial. Invertemos o processo histórico: "somos o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política" (Cunha, 1975b:170). Daí a importância da República, e sua missão. Caberia a ela manter e consolidar uma união nacional em tudo e por tudo artificial, e que Euclides viu ameaçada em Canudos. Caberia a ela a "tarefa estranha de formar uma nacionalidade sem a própria base orgânica da unidade da raça" (Cunha, 1975b:174).

E os remédios a serem ministrados pela República tal como descritos por Euclides são enumerados por Mota:

conhecimento das leis que presidem os fatos do homem e da natureza; compreensão das condições sociais do interior do país, à luz dessas leis; governo esclarecido e firme na execução de uma política de integração nacional a cargo de uma elite técnica e científica - foram esses os remédios prescritos por Euclides da Cunha para as misérias e as loucuras de rebeliões como a de Canudos e para a manutenção da unidade nacional (Mota, 2000:54).

E seu apaixonado republicanismo pode ser explicado também a partir de sua trajetória. Sem apoios com os quais pudesse contar para sua ascensão social, sem padrinhos ou indicações, Euclides teve que se valer do próprio mérito para buscar seu espaço na sociedade e na cultura brasileira (sua busca de um lugar na política foi inteiramente baldada). Nesta busca, a defesa do mérito individual como instrumento de consolidação do capital social e cultural extrapolou o terreno individual e ganhou foro ideológico: tal defesa transformou-se em crítica às elites e em defesa de uma sociedade aberta.

A educação formal, no Brasil, era ainda vista mais como um ornamento de bacharéis que não iriam, necessariamente, utilizar seus conhecimentos como profissionais, que como fundamento para a vida de um trabalhador que iria depender do conhecimento acadêmico para seu sustento. Ao tentar utilizar sua formação como engenheiro como chave para abrir portas de salões nos quais, até então, jovens pobres como ele seriam aceitos com dificuldade, Euclides aposta em uma mudança de

mentalidade e frustra-se com as mesmas resistências que Hobsbawm aponta em outros contextos: "os engenheiros alemães exigiam, não sem amargura, 'posição social condizente com a significância do engenheiro na vida'" (Hobsbawm, 1989:246).

Sua apaixonada defesa da República é, assim, a defesa de um regime no qual jovens pobres, como ele, teriam amplas possibilidades de serem reconhecidos seus méritos, contra um Império rigidamente elitista e bacharelesco.

Moraes Filho menciona a simpatia de Euclides pelas idéias socialistas, e sua recepção favorável às idéias de Marx (Moraes Filho, 1995:vol. I. 31). Em São José do Rio Pardo ele envolve-se com organizações socialistas e ajuda a fundar o Clube Internacional Filhos do Trabalho, organização que atuou até 1909, atuando em estreita sintonia com grupos paulistanos editores de *Avanti!* (Prado, 1986:154).

Desta forma, ao redigir, em São José do Rio Pardo, no Primeiro de Maio de 1899, o Programa de O Proletário e Mensagem aos Trabalhadores, sendo O Proletário o órgão do clube, Euclides alinhava, ao lado de vários artigos que buscam regulamentar as relações trabalhistas, outros que criam mecanismos capazes de permitir e consolidar a democratização do ensino, como, por exemplo, os artigos II e VIII:

II. Escolas gratuitas, com o ensino leigo e obrigatório para todas as crianças, sem distinção de sexo, de cor e de nacionalidade, tendo as crianças pobres todo o necessário para freqüentar as escolas: roupa, comida, cuidados médicos, farmácias, etc;

VII. Estabelecimento de bolsas de trabalho (Cunha, 1995:vol. I. 578).

Nesta construção de uma plataforma socialista, Euclides busca definir programaticamente uma crença já expressa por ele alguns anos antes, mais precisamente em crônica publicada em 8 de maio de 1892, quando afirma: "se entrarmos na análise dos cambiantes que tem assumido o socialismo, temo-lo como uma idéia vencedora. O quarto estado adquirirá, por fim, um lugar bem definido na vida social" (Cunha, 1995:vol. I. 670). O socialismo funcionaria, portanto, como um processo de democratização social no qual as elites seriam desalojadas ou, no

mínimo, teriam que compartilhar seu espaço com elementos provenientes de outros estratos sociais. A defesa do mérito individual ganha, assim, dimensões revolucionárias.

O socialismo defendido por Euclides neste período é o socialismo abraçado pelo clube para o qual ele escreveu o manifesto, e que é assim definido por Moura: "era um clube que não tinha, segundo se depreende dos documentos publicados, estrutura marxista, mas, na base de um socialismo mal assimilado, meio humanitário, procurava congregar os operários e os intelectuais" (Moura, 1964:104). Este foi o socialismo euclideano, que não se modificou substancialmente ao longo de sua trajetória. De resto, segundo Konder, "Euclides da Cunha é o primeiro intelectual brasileiro importante a ter tido uma idéia da perspectiva global de Marx. Isso não quer dizer, evidentemente, que ele tenha aderido às concepções de Marx" (Konder, 1988:95).

Mas seu republicanismo casa-se com uma invencível desconfiança em relação ao povo, em relação ao qual Euclides cedo descrê como agente de transformação histórica, de tal modo que, em carta datada de 1893, escreve: "o nosso povo, meu caro, Porchat, por abdicação completa de todas as energias, não tem forças para agitar-se além das arruaças desprezíveis" (Cunha, 1997:46). E tal descrença mantém-se inalterada ao longo de toda sua vida.

A República significa a modernidade mas, por falta de atores que o levem adiante, seu projeto de modernidade é, assim, não apenas contraditório mas, talvez por isto mesmo, pareça a ele próprio condenado ao fracasso, o que o leva a concluir em carta de 1908: "há uma pasmaceira trágica neste país que esperneia, galvanizada, na Praia Vermelha e morre à fome nos sertões" (Cunha, 1997:377).

Gestou-se um fracasso cujas origens Euclides mapeia já em Os sertões, e cujas origens são congênicas, nascendo da

inadaptabilidade do povo à legislação superior do sistema recém-inaugurado, como se este, pelo avantajarse em demasia ao curso de uma evolução vagarosa, tivesse, como efeito predominante, alastrarse sobre um país que se amolentara no marasmo monárquico, intenso espírito de desordem, precipitando a República por um declive onde

os desastres repontavam, ritmicamente, delatando a marcha cíclica de uma miséria (Cunha, 1984:201).

Republicano e crítico da República, Euclides isolou-se politicamente mesmo após a publicação de seu livro mais famoso. E *Os sertões* possuem um significado político bem salientado por Ventura: apresenta uma função política antijacobina, antiflorianista e antimilitarista de maior importância no contexto político da época do que a crítica ao liberalismo enfatizada pela tradição interpretativa referente à obra (Ventura, 1990:141).

Ao mesmo tempo, Euclides não aceita o liberalismo, mas também não aceita o militarismo que condicionou os primeiros anos da República. Crítico das oligarquias e das soluções militares, viu-se isolado e excluído no cenário político: sem parceiros com os quais pudesse contar para a realização de seus projetos.

Sua personalidade contribuiu, ainda, para reforçar seu isolamento. O retraimento - seu "ursismo incurável", como ele próprio o define - foi, de fato, uma característica de sua personalidade reconhecida por contemporâneos e amigos como Sílvio Romero: "o ar desconfiado, as roupas desajeitadas - o todo canhestro e espantadiço do autor de *Os sertões* faria Sílvio Romero exclamar ao mesmo tempo que o estreitava nos braços: - 'Mas é um cariri perfeito'" (Rabello, 1966:208).

Também sua atividade como engenheiro não pode ser compreendida separadamente de seus ideais científicos. Euclides viu-se sempre como um missionário: alguém apto a colocar-se a serviço da ciência e, a partir de sua atividade profissional, contribuir para a modernização e integração nacional: o país integrado a partir do advento da modernidade, o sertanejo integrado a um padrão civilizador, até que enfim, não excludente.

Se a opção profissional feita por Euclides foi vista por ele como uma missão, surgiu-lhe sempre, contudo, como uma obrigação a turvar-lhe o caminho de artista e, referindo-se "à incumbência da minha engenharia ingrata", ele imagina Shakespeare a calcular as curvas de uma viga metálica e Miguel Ângelo a calcular as partes de um orçamento e pergunta-se o que seria deles nesta situação (Euclides, 1995:vol. I.

582). Provavelmente, responde silenciosamente Euclides, estariam trocando uma obra a ser realizada enquanto artistas por um trabalho monótono e não reconhecido: o trabalho de engenheiro.

É fundamental, contudo, e apesar de suas próprias palavras, não vemos na atividade profissional desenvolvida por ele apenas uma incumbência desenvolvida por um escritor que precisa sobreviver: ela foi a realização prática de ideais desenvolvidos enquanto escritor.

Em uma época na qual certa erudição comumente de fundo diletante sempre foi passaporte para a fama, Euclides nunca foi um erudito e nunca, certamente, postulou ser visto como tal. Na elaboração de *Os sertões*, a colaboração de Francisco Escobar – presidente da Câmara Municipal de S. José do Rio Pardo, onde o livro foi escrito, e amigo fraterno que o próprio Rui Barbosa, segundo Broca, define como eruditíssimo e doutíssimo – é fundamental. Broca sublinha, ainda, a importância desta contribuição:

e se não se sabe precisamente, até onde teria ido a assistência erudita de Escobar na elaboração da obra - Euclides supria muitas faltas de conduta com os recursos de um extraordinário poder verbal - sabe-se, que livros, documentação, nenhum elemento de consulta lhe faltou graças à solicitude e à competência do amigo (Broca, 1992:220).

O cientista e engenheiro Euclides convive, por sua vez, com o romântico Euclides. E o próprio Euclides tentou dar contornos românticos a sua vida, como salienta Ventura: “mais do que um poeta romântico, tentou ser, ele próprio, um herói, que perseguia visões inspiradas nos romances e narrativas da Revolução Francesa que lera na juventude” (Ventura, 2003:48).

Por outro lado, e finalmente, apóstolo da modernidade, Euclides sente-se, contudo, um estranho em seu seio. Estranha as inovações que encontra no Rio de Janeiro quando regressa da Amazônia, e lamenta: “que saudades da antiga simplicidade brasileira” (Cunha, 1997:341). E mesmo seu romantismo e tendência à idealização precisam ser suplantadas, como ele mesmo reconhece, em uma época marcada pelo cálculo e pela racionalidade. Mas, novamente, ele sublinha seu desconforto e

seu anacronismo: "sou o mesmo romântico incorrigível" (Cunha, 1997:358).

Com isto, Euclides chega a uma situação de desalento e desejo de fuga. A modernização por ele proposta em *Os sertões* não ocorre ou revela-se uma farsa, o que ele descobre ao constatar o abandono em que permanece o sertão. As elites traíram sua missão, a República não cumpriu suas promessas, o sertão permanece desconectado da civilização, os civilizados continuam ignorando-o.

E resta uma questão a colocar: como e em que sentido se deu a consagração de Euclides? Figura estranha, exótica no contexto cultural de seu tempo, Euclides obteve uma consagração que surpreendeu, inicialmente, a ele próprio. De fato, ele tornou-se rapidamente famoso a partir da publicação de *Os sertões*, transformando-se em um best-seller de seu tempo. Como acentua Abreu, "até 1909, ano da morte de Euclides da Cunha, *Os sertões* continuou sendo um sucesso de vendas. Três edições foram publicadas pela Laemmert, sucessivamente em 1902, 1903 e 1905, o que era notável num país com cerca de 80% de analfabetos" (Abreu, 1998:276).

Ao mesmo tempo, Euclides cedo foi visto como um descobridor do Brasil. Os padrões a partir dos quais iria exercer-se a influência euclideana são definidos por Tristão de Athayde já em 1924. Ele teria resgatado a massa da população brasileira do esquecimento, teria apontado "o erro do litoralismo político" e teria criado um estilo (Athayde, 1990:252).

Assim, Euclides permaneceu como uma figura exótica, embora consagrada, transformada em ícone da nacionalidade. O casmurro e inflexível Euclides, sua personalidade avessa a cordialidades e sua postura hostil a negociações no contexto de uma elite letrada na qual a negociação era moeda indispensável à sobrevivência assombrou a cultura brasileira pelas décadas seguintes, e seu comportamento - por peculiar - já foi definido, mesmo, como uma forma de loucura.

Houve, assim, quem apontasse a existência de problemas psiquiátricos graves que teriam, inclusive, o levado a buscar o duelo que o levaria a morte. Afirmou-se, nos anos 1970, que o autor sofria de paralisia geral e já se encontrava no estágio em que surgem as manifesta-

ções anti-sociais. E o autor conclui: "naquela ocasião, a doença era incurável e terminava irremediavelmente em estado demencial, isto é, no declínio progressivo, global e irreversível de todas as funções intelectuais. O que significava que o sol Euclides da Cunha caminhava para o ocaso" (Araújo, 1973:65). Não se trata, evidentemente, de aceitar ou recusar tal diagnóstico - o que estaria inteiramente além de minha competência - mas tomá-lo como sintoma extremo de uma tendência mais ampla: o desconforto e admiração concomitantes com os quais o rigorismo euclideano foi historicamente encarado, e as múltiplas tentativas de entendê-lo.

Ajuda a explicar a permanência da obra de Euclides - além de, é claro, seu próprio e superlativo mérito - o fato de tal obra ser uma das poucas que pertencem, igualmente, à literatura e às Ciências Sociais, e Freyre percebeu o duplo pertencimento de *Os sertões* ao situar suas vertentes na cultura brasileira, tanto no campo literário quanto no cientificismo da Escola de Recife. Referindo-se ao livro de Euclides, Freyre afirma: "livro brasileiro do qual talvez se possa dizer que foi tornado possível não só por Alencar e por Gonçalves Dias como - um tanto paradoxalmente - pelo germanismo de Tobias e pelo spencerismo de Sílvio Romero" (Freyre, 1959:T. II. 642).

Em ambas as áreas tal obra é estudada com igual fervor, a ponto de um crítico literário como Afrânio Coutinho defini-la como, acima de tudo, um escritor de ficção e "*Os sertões* como um poema épico em prosa, a ser classificado na linha da *Ilíada* e da *Canção de Rolando*" (Coutinho, 1995:vol.II. 65). Trata-se de um ponto em comum entre o autor e Gilberto Freyre, qual seja: a preocupação em unir ciência e arte, buscando criar um método e um estilo, e efetivamente em ambos os casos criando um estilo pessoal e inconfundível. Euclides vê, em um poeta como Vicente de Carvalho, a capacidade de alcançar objetivos que estariam mais próximos da geologia que da arte, ao descrever, em um poema, a Serra do Mar:

para no-la definir, e no-la agitar sem abandonar a realidade, mostrando-no-la vivamente monstruosa, a arrepiar-se, a torcer nas anticlinais, encolhendo-se nos vales, tomando nos grotões, ou escalan-

do as alturas nos arrancos dos píncaros arremessados, requer-se a intuição superior de um poeta capaz de ampliar, sem deformar, uma verdade rijamente geológica, refletindo num minuto a marcha milenária das causas geotônicas que a explicam (Cunha, 1995: vol. I. 488).

É como se a intuição do artista fosse capaz de completar o método do cientista, chegando onde este não é capaz de chegar: apesar da inabalável crença do autor na ciência, Euclides busca completá-la com a intuição e a imaginação. Temos neste elogio a Vicente de Carvalho, ao mesmo tempo, uma descrição e uma justificativa da descrição e análise da terra feita em *Os sertões*.

Martins salienta o uso abundante de adjetivos e palavras raras por parte de Euclides, para ressaltar o caráter literário de *Os sertões* (Martins, 1996: vol. V. 209-211). Mas Euclides é, ao mesmo tempo, um autor preocupado com a objetividade de seu texto, porta-voz de um cientificismo que se pretende inovador em relação ao subjetivismo até então predominante na cultura brasileira. Um autor que pretende demarcar o terreno da ciência perante os privilégios da literatura, e o autor de uma obra eminentemente literária, posto que sociológica.

Euclides busca na ciência o instrumental necessário para estudar a realidade que o cerca e se, em momento algum, chega a contestar a validade das idéias que importa, faz uma crítica da própria importação destas idéias pelas elites brasileiras, crítica esta que, em certa medida, é válida para ele próprio. E ele conclui: "pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política" (Cunha, 1995: vol. I. 498). A busca da autonomia intelectual, a emancipação em relação às idéias importadas e a compreensão da realidade por suas próprias elites são definidos por Euclides como parte do projeto de construção nacional, mas neste projeto ele se insere com as contradições da própria elite por ele criticada.

Até que ponto, neste sentido, Euclides soube adequar o instrumental teórico por ele importado à realidade por ele estudada é e sempre foi motivo de controvérsia? Bernucci define *Os sertões* como uma "obra verdadeiramente canibalesca": nela são assimilados diferentes tipos de

materiais alheios, que Euclides devora sem cerimônia, englobando artigos; livros, manuscritos, dicionários (Bernucci, 2002:15). Seu método é onívoro, múltiplo, assim deve ser para adequar-se a uma realidade que refuta, permanentemente, o instrumental teórico utilizado pelo autor.

A partir daí, João Almino destaca a concomitância, em sua obra, entre domínio do conhecimento europeu e uma distância em relação a estas mesmas fontes que gera uma brasilidade perceptível nos temas e na forma literária (Almino, 2000:55). A brasilidade é, de fato, marcante, mas ela surge não concomitantemente, e sim em contraste com seu arsenal explicativo; como se, extravasando-o, buscasse o contato direto com a realidade por ele estudada.

Na sua busca de uma expressão nacional, Euclides parte de um nativismo radical, expresso em carta de 1893:

Nunca senti tão violento como hoje o que dantes para mim era um sentimento mau, traduzido por uma palavra que eu entendia não dever existir na linguagem humana - o nativismo. Tenho-o hoje, exageradamente. O estrangeiro, o estrangeiro que se diz civilizado - considero-o inimigo (Cunha, 1997:57).

Uma década depois, contudo, a mudança de perspectiva já é clara. Euclides faz o elogio da imigração ao mesmo tempo em que alerta para suas possíveis conseqüências, em uma análise na qual ele toma como ponto de partida a precariedade da formação nacional. Esta ainda passa por um precário processo de construção, ou sequer existe. E ele situa, então, o estágio provisório de tal formação: “está numa situação provisória de fraqueza, na franca instabilidade de uma combinação incompleta de efeitos ainda imprevisíveis, em que a variedade dos sangues, que se caldeiam, implica o dispersivo das tendências díspares, que se entre-laçam”.

Neste processo marcado pela fragilidade e pela dispersão, o imigrante desempenha papel fundamental exatamente por não compartilhar de seus efeitos: “não podemos ainda dispensar a energia européia mais ativa e apta, para que se desencadeiem as nossas energias naturais. O colono, entre nós, é o primeiro, se não o único fator econômico”.

Catalisador das energias nacionais e propulsor do desenvolvimento econômico, o imigrante torna-se um fator de risco, contudo, exatamente devido a sua superioridade, o que leva Euclides a ressaltar: "Falta-nos integridade étnica que nos aparelhe de resistência diante dos caracteres de outros povos" (Cunha, 1975a:135.6).

E sua desconfiança perante uma Europa que ele nunca chegou a conhecer permanece em carta escrita em 1907: "precisas reagir contra a feitiçaria da Velha toda ataviada de primores- e que afinal, não vale a nossa Pátria tão cheia de robusta e esplêndida virgindade" (Cunha, 1997:346). E busca, no final, expandir seu nativismo em uma consciência mais ampla, mais ainda oposta à imitação da Europa: "sou dos que pensam que as fronteiras no nosso belo e maravilhoso continente são mais expressadas geograficamente do que históricas, subordinadas em seu estado físico à altitude cada vez mais dominante da consciência sul-americana" (Cunha, 1997:374).

A viagem de Euclides a Canudos é, em síntese, uma viagem em busca das raízes da nacionalidade; de seu sentido, de sua formação, de seu resgate. Tal viagem efetua-se em meio às contradições e é impulsionada por elas. A metodologia euclideana vai ao sertão (que tanto pode ser Canudos como a Amazônia) e busca explicá-lo. Sertão, método. Tentando casá-los, Euclides plantou interrogações para as quais praticamente toda a produção cultural brasileira subsequente buscou respostas.

RESUMO

O texto faz uma análise da obra de Euclides da Cunha a partir de alguns parâmetros analíticos: como Euclides pensou e definiu o sertão e o sertanejo, como ele pensou Canudos a partir de seu conhecimento teórico e metodológico, e como ele repensou tal aparato conceitual a partir do contato com a realidade brasileira. O texto enfoca, finalmente, o Euclides republicano, seus anseios e decepções, e tenta posicioná-lo no contexto cultural de seu tempo, bem como situá-lo na história da cultura brasileira.

Palavra-chave: raça - modernidade - método

ABSTRACT

The text makes an analysis of the workmanship of Euclides da Cunha from some analytical parameters: as and it thought and it defines the hinterland and sertanejo, as thought Canudos from its theoretical and methodological knowledge and as it rethink such conceptual apparatus from the contact with the brazilian reality. The text focuses, finally, and the republican one, its yearnings and disillusionments, and try to locate it in the cultural context of its time, as well as pointing out in the history of the brazilian culture.

Key word: race - modernity - method

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

ALMINO, João. **De Machado a Clarice: a força da literatura in** MOTTA, Carlos Guilherme (Org.). **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias**. São Paulo, Editora SENAC, 2000.

ARAÚJO, Deusdedit. **Euclides da Cunha em face da psiquiatria e da criminologia in** Revista Brasileira de Cultura. n. 18. Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1973.

ATHAYDE, Tristão de. **Política e letras in** CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). **À margem da história da República**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1990.

BERNUCCI, Leopoldo M.. **A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha**. São Paulo, EDUSP, 1995.

_____. **Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os sertões in** Revista USP. Num. 54. São Paulo, USP, 2002.

BRANDÃO, Théo. **O folclore em "Os Sertões in** Revista Brasiliense. Num.30. São Paulo, Brasiliense, 1960.

BROCA, Brito. **Horas de leitura: primeira e segunda séries**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. **Letras e idéias no Brasil colonial in** HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II. Vol. I**. São Paulo, DIFEL, 1968.

CARPEAUX, Otto Maria. **As revoltas modernistas na literatura**. São Paulo, Ediouro, s.d.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.

COUTINHO, Afrânio. **Os sertões, obra de ficção** in CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguillar, 1995.

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e confrontos**. São Paulo, Cultrix/MEC, 1975a

_____. 1975b.

_____. **Caderneta de campo**. São Paulo, Cultrix/MEC, 1975c.

_____. **Os sertões**. Brasília, Francisco Alves, 1984.

_____. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.

_____. **Correspondência**. GALVÃO, Walnice Nogueira ; GALOTTI, Oswaldo (Org.), São Paulo, EDUSP, 1997.

DOCUMENTOS INTERESSANTES, VOL. LIV. Imprensa Oficial, São Paulo, 1932.

DONGHI, Tulio Halperin. Sarmiento in SARMIENTO, Domingos Faustino. **Campaña en el Ejército Grande**. México. Fondo de Cultura Económica, 1952.

FINAZZI-AGRÓ, Ettore. Geografias da memória: a literatura brasileira entre a história e a genealogia in **Anos 90. Num.12**. Porto alegre, UFRGS, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides, elite modernizadora e enquadramento in CUNHA, Euclides da. **Textos escolhidos**. (Org.) Walnice Nogueira Galvão, São Paulo Editora Ática, 1984.

GARCIA, Simone. **Canudos: história e literatura**. Curitiba. HDP Livros, 2002.

GUMPLOWICZ, Luis. **La lucha de razas**. Buenos Aires, Editorial FAZ, 1944.

HALE, Charles A. **Political ideas in Latin America**, (1870-1930) in: BETHEL, Leslie (ed.). *Ideas and ideology in twentieth century latin America*. New York. Cambridge University Press, 1996.

HARDMAN, Francisco Foot. *Antigos modernistas in NOVAES*, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

HOBSBAWN, ERIC. **Era do imperialismo (1875-1914)**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida: os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antônio Cândido**. Belo Horizonte/ São Paulo- Editora UFMG/FAPESP, 2002.

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota: a construção de Os sertões**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

MARTINI, Gerald. **A literatura, a música e a arte na América Latina da Independência a 1870** in BETHEL, Leslie (ed.). *História da América Latina: da Independência até 1870*, v. III. São Paulo/ Brasília. EDUSP/Fundação Alexandre Gusmão, 2001, p. 861.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial**. Rio de Janeiro, Access, 1994.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Um imenso Portugal: história e historiografia**. Rio de Janeiro, Editora 34, 2002.

MORAES FILHO, Evaristo de. **A proto-história do marxismo no Brasil** in MORAES, João Quartim de. (Org.) *História do Marxismo no Brasil*. Vol. I. Os influxos teóricos. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995.

MORSE, Richard M. **O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MOTA, Maria Aparecida Resende. **Sélvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

MOURA, Clóvis. **Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

PRADO, Antônio Armani (Org.). **Libertários no Brasil: memórias, lutas, culturas**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

RABELLO, Sylvio. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

REZENDE, Maria José de. **Os Sertões e os (des) caminhos da mudança social no Brasil** in *Tempo Social*. v. 13, n. 2. São Paulo, USP, 2001.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1977.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Mestiços no país dos espelhos e o que eles viram lá** in *Stientibus*. v. 13. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 1995.

SARMIENTO, Domingos Faustino. **Política**. POMER, León (ed.). São Paulo, Ática, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. **Travessia: a narrativa da República em Grande sertão veredas** in BIGNOTTO, Newton (Org.). *Pensar a República*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

VENTURA, Roberto. A "Nossa Vendéia": Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação da identidade cultural no Brasil (1897-1902) in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. n.31. São Paulo, USP, 1990.

_____. **Euclides da Cunha na urbs monstruosa** in ABDALA JR., Benjamin; ALEXANDRE, Isabel (Orgs.). *Canudos: palavra de Deus, povo da terra*. São Paulo, Editora SENAC/Boitempo, 1997.

_____. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.